

Gênero, Esporte e Deficiência: Análise da autorrepresentação de atletas paralímpicas no Instagram^{1,2}

Tatiane HILGEMBERG³

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

RESUMO

As atletas paralímpicas têm, cada vez mais, utilizado as mídias sociais para se autorrepresentarem e tomar o controle da narrativa sobre seus corpos, histórias e deficiências. Empregando a análise de conteúdo buscamos explorar as formas de autorrepresentação feitas por duas atletas paralímpicas, uma brasileira e uma norte-americana, no Instagram. Nossos resultados preliminares apontam que as postagens tendem a girar em torno dos Jogos Paralímpicos, também apresentam performances de beleza e feminilidade. Há algumas diferenças nos conteúdos produzidos, enquanto a brasileira tende a focar em sua identidade enquanto atleta a norte-americana reforça padrões de beleza e feminilidade.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; deficiência; esporte; atletas paralímpicas; Instagram.

INTRODUÇÃO

Recentemente os Estudos Críticos da Deficiência começaram a utilizar a perspectiva interseccional que se tornou popular nos últimos anos, principalmente em pesquisas que abordam grupos marginalizados. Garland-Thomson (2004) propõe a teoria feminista da deficiência a partir dessa perspectiva interseccional que une feminismo e deficiência a fim de demonstrar que as instituições, práticas, construções e discursos sociais fazem com que corpos categorizados como femininos e com deficiência sejam alvo de, no mínimo, uma dupla desvantagem, por um lado pela sociedade patriarcal e por outro pela corponormatividade.

Garland-Thomson (2004) salienta ainda que existem semelhanças entre as representações históricas de mulheres e de pessoas com deficiência em que ambas são inferiores, desviantes, restritas à vida privada e cujas definições são estabelecidas a partir de oposições binárias (homem x mulher; pessoas com deficiência x pessoas sem deficiência). A partir dessas estruturas binárias os estudos feministas também nos mostram que o esporte é uma arena marcada por corpos masculinos, seus sentidos, objetivos, organização e experiências são construídos e valorizados como atributos de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Esporte, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Essa pesquisa foi realizada com financiamento da Fulbright.

³ Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRR, email: tatianehilgemberg@gmail.com.

formas dominantes da masculinidade na sociedade. Em geral a ideia de força física, ou poder, é vista como incompatível com as definições de feminilidade, então, muitas vezes, a mera presença da mulher no esporte subverte as ordens sociais ligadas ao gênero, uma vez que sua participação foi historicamente negada, e à sexualidade porque as características femininas, presentes ou ausentes, desvirtuam a hegemonia masculina. As mulheres atletas com deficiência ferem ainda a ordem social capacitista, ao apresentarem um corpo funcional e apto para o esporte desafiando a ideia de que seus corpos são inferiores, incompletos e passivos.

Esta pesquisa se situa nos debates sobre o potencial das mídias sociais em dar visibilidade a paratletas, uma vez que elas têm menos cobertura midiática que homens e que atletas sem deficiência. Buscamos assim explorar as formas de autorrepresentação feitas por duas atletas paralímpicas, uma brasileira e uma norte-americana, no Instagram entre agosto e setembro de 2021.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao considerar que a deficiência é uma categoria culturalmente construída produzindo sentidos através das diferenças corporais, percebemos que gênero e deficiência funcionam como sistemas de opressão, ou seja, estão inseridos, enquanto grupos oprimidos, em relações de poder.

Isso nos leva a pensar deficiência e gênero como significantes culturais, e afirma que os corpos de pessoas com deficiência e mulheres são disciplinados através da medicina e da ditadura da estética, como por exemplo, cirurgias plásticas que visam à normalidade, ou seja, ao apagamento da deficiência como forma de se inserir em uma sociedade normativa. “Juntos, os sistemas de gênero, raça, etnicidade, sexualidade, classe, e capacidade [deficiência] exercem imensa pressão social para moldar, regular e mobilizar corpos subjugados” (Garland-Thomson, 2004, p. 80, tradução nossa).

Entendemos que essas opressões ficam ainda mais latentes quando essa mulher está inserida no âmbito esportivo, pois ela enfrenta barreiras associadas ao fato de ser mulher com deficiência em um mundo masculino e corponormativo e heteronormativo.

Por um lado, as pessoas com deficiência são alvo de um discurso dominante capacitista, principalmente pela mídia tradicional que reforça ideologias, enquadra determinados aspectos e leva sua audiência a uma rede simbólica de significações que organiza o mundo social. O discurso midiático tradicional propõe definições do que é

certo, do que é belo, do que é bom. Braga (2009), por exemplo, ao analisar capas de revistas femininas percebeu que, em 98% do material, o corpo representado era branco e, em todos os casos, a magreza era exposta, nenhum corpo diferente do discurso vigente. O corpo com deficiência, quando não ausente, é, geralmente, representado de forma estereotipada.

Por outro lado, as mídias sociais permitem que essas pessoas lidem diretamente com a sociedade, com possibilidades de concordar, contrapor ou complementar o que é divulgado pelos meios tradicionais (Sanderson, 2010). No ambiente digital, o sujeito sente-se livre para expor o “eu” desejado, numa tentativa de controlar o discurso sobre si. De acordo com Ellis e Goggin (2015) as mídias sociais, como *Instagram*, *Facebook*, *Blog*, *Twitter*, etc., permitem que as pessoas com deficiência valorizem sua identidade, podendo, inclusive, influenciar a agenda midiática ao oferecer representações e interpretações de acordo com a perspectiva desse grupo de indivíduos.

No esporte, as mídias sociais e a Web 2.0 transformaram a interação entre torcedores, ou fãs de esporte, e seus ídolos. As novas ferramentas dão ao usuário a oportunidade de revelar informações e perspectivas que de outra forma não estariam disponíveis. Hyde e Todd (1996) questionaram a opinião das pessoas com deficiência sobre o meio online, e concluíram que o ciberespaço é visto como um espaço social onde elas podem expressar suas ideias sem serem julgadas com base em suas deficiências, e como meio que oferece oportunidades de controle sobre a forma como são representadas e apresentadas. Bowker e Tuffin (2002), em estudo realizado na Nova Zelândia, entrevistaram pessoas com deficiência sobre suas interações sociais através da Internet. Sua pesquisa demonstrou que a deficiência é apenas uma das características que formam a identidade do sujeito, característica essa que pode ser omitida ou não em suas interações sociais online, dando controle ao indivíduo sobre sua identidade e representação.

METODOLOGIA

O *corpus* dessa pesquisa foi composto da seguinte forma: primeiro buscamos a lista de atletas brasileiras e norte-americanas que conquistaram medalha nos últimos Jogos em esportes individuais; dessas identificaremos aquelas que possuem perfil no Instagram e que são ativas nessa rede social online; finalmente escolhemos as duas com maior número de seguidores: Raíssa Rocha (brasileira, cadeirante, compete no

lançamento de dardo); Anastasia Pagonis (norte-americana, cega, compete na natação). Analisamos todas as postagens publicadas no feed entre agosto e setembro de 2021, período que compreende a realização dos Jogos Paralímpicos de Tóquio-2020⁴. Utilizando o método da análise de conteúdo buscamos compreender as seguintes categorias: Tipo de postagem (vídeo, foto, carrossel); Tema da legenda e Tema do conteúdo, um mesmo post poderia evocar mais de um tema e a decisão por analisar separadamente o tema do conteúdo visual e o tema das legendas se deu porque em muitos casos eles podem ser diferentes; Tipo de conteúdo (esporte com ação, esporte sem ação, pose, etc.); Vestuário; e Deficiência (Visível ou invisível).

RESULTADOS PRELIMINARES

Mitcheel, Wyk e Santarossa (2021) afirmam que investigar as formas com que atletas paralímpicos utilizam as mídias sociais para se autorrepresentarem é importante uma vez que eles podem atingir uma audiência internacional amplificando o impacto que seus perfis têm nas percepções e atitudes acerca das pessoas com deficiência. Raíssa Rocha publicou 24 posts e Anastasia Pagonis apenas 06 durante o período analisado. A maior parte das postagens foi composta por carrossel de fotos (41,6% da brasileira e 100% da norte-americana), seguido por vídeos (37,5% de Raíssa) e fotos (21%). Feehan (2019) afirma que o universo esportivo, em especial equipes, têm utilizado cada vez mais o carrossel de fotos em busca de maior engajamento, percebemos, assim que ambas as atletas utilizaram bastante esse recurso.

Dos temas presentes nas legendas destacamos que os Jogos Paralímpicos foram os mais presentes nas postagens da brasileira (23,8%), seguido por frases motivacionais (16,6%) e engajamento (14,2%). A norte-americana também focou nos Jogos Paralímpicos (37,5%) juntamente com mensagens motivacionais para seus seguidores (37,5%). Esses resultados corroboram pesquisas anteriores como as de Pate, Hardin e RUIHLEY (2014) que analisaram o conteúdo de tweets publicados por atletas paralímpicos norte-americanos durante os Jogos de Londres em 2012, demonstrando que os atletas tweetaram sobre suas atividades em Londres, interagiram com seus seguidores, deram informações sobre os Jogos e resultados.

⁴ Os Jogos Paralímpicos de Tóquio aconteceram entre 24 de agosto a 05 de setembro de 2021 por conta da pandemia de Covid-19.

Dentre os temas presentes no conteúdo visual publicado pelas atletas um resultado chama a atenção. Apesar de não aparecer de forma explícita na maior parte das legendas, a beleza/feminilidade foi identificada em 44,8% das publicações de Raíssa e em 56% dos posts de Anastasia.

Como apontam Pullen e Silk (2020) a partir de Londres 2012, em sintonia com a mercantilização do espetáculo paralímpico, percebe-se uma cobertura mais sexualidade e generificada muito semelhante ao esporte olímpico. Muitas vezes as autorrepresentações também perpetuam a ideia de que elas são primeiro mulheres e depois atletas, porém essas ideias de feminilidade estão extremamente atreladas às noções patriarcais e até machistas, de gênero. Barnett (2017) que analisou a autorrepresentação de atletas em suas páginas pessoais na web concluiu que as atletas por um lado detalham o rigor e o sacrifício a que precisam se submeter nos treinos e competições ao mesmo tempo que mantém seus papéis como objetos sexuais, mães e cuidadoras.

Vários trabalhos que acionam a cultura digital feminista, mostram que mídias sociais, como o Instagram, recompensam aquelas que se apresentam de acordo com as políticas de gênero. Alguns estudos que focam nas representações de mulheres com deficiência (Toffoletti, 2018) apontam que a deficiência é gerida através da intensificação de normas, a fim de se aproximarem dos padrões de beleza.

Apesar de ambas as atletas reforçarem padrões de beleza e feminilidade verificamos uma diferença nas publicações da brasileira e da norte-americana. Enquanto a deficiência de Raíssa este visível, através de sua cadeira de rodas, em 56% das postagens; Anastasia invisibilizou sua deficiência em 100% de seu conteúdo no Instagram.

Ao contrário do que apontam por Pullen, Mora e Silk (2023) de que se por um lado há a feminilização das imagens postadas por essas atletas, por outro elas utilizam de suas tecnologias assistivas como próteses e cadeiras de rodas como forma de reforçar os efeitos sexuais e de gênero das imagens produzindo a “estética protética” de gênero, Anastasia opta por apresentar sua deficiência apenas através de hastags.

Outra diferença apresentada na análise das postagens das atletas refere-se ao tipo de conteúdo e vestuário. Em 70% das postagens Raíssa posava em algum contexto esportivo, e em 78% usava o uniforme da seleção. Já Anastasia posava fora do contexto esportiva em 70% do conteúdo e usava o uniforme dos Estados Unidos em 23,5%, em

sua maioria (41%) trajava roupa de banho. Isso nos leva a crer que a brasileira apesar de reforçar os padrões de feminilidade se representa primeiro como atleta enquanto a norte-americana opta por focar em sua identidade enquanto mulher.

REFERÊNCIAS

BARNETT, B. Girls gone web: Self-depictions of female athletes on personal websites. **Journal of Communication Inquiry**, v. 41, n. 2, 2017, p. 97-123.

BOWKER, N.; TUFFIN, K. Disability Discourses for Online Identity. **Disability & Society**, v. 17, n. 3, p. 327-344, 2002.

BRAGA, Adriana. Corpo, mídia e cultura. **Razón y Palabra**, n. 69, p. 1–11, 2009. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/CORPO%20MIDIA%20E%20CULTURA.pdf>. Acesso em: 27 out. 2016.

ELLIS, Katie; GOGGIN, Gerard. **Disability & the Media**. Londres: Palgrave, 2015.

FEEHAN, B. Social Media industry landmark report. 2019. **RivalIQ blog**. Disponível em <https://www.rivaliq.com/blog/2019-social-media-benchmark-report/>. Acesso em 05 Mar. 2023.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Integrating Disability, Transforming Feminist Theory. In: SMITH, Bonnie. G.; HUTCHISON, Beth (Eds.). **Gendering Disability**. Nova Jersey: Rutgers University Press, 2004. p. 73–103.

HYDE, D.; TODD, R. An Overview of Issues Surrounding Use of the Internet by People with Disabilities. **18th World Congress of Rehabilitation International**, 1996, Auckland, Nova Zelândia, p. 130–133, 1996.

MITCHELL, F. R.; WYK, P. M. V.; SANTAROSSA, S. Curating a Culture: The Portrayal of Disability Stereotypes by Paralympians on Instagram. **International Journal of Sport Communication**, 2021, 14, p. 334–355.

PATE, J. R.; HARDIN, R.; RUIHLEY, B. Speak for yourself: analyzing how US athletes used self-presentation on Twitter during the 2012 London Paralympic Games. **International Journal of Sport Management and Marketing**, v. 15, n.3/4, p. 141-162, 2014.

PULLEN, Emma; MORA, Laura; SILK, Michael. Paralympic criptvertising: On the gendered selfrepresentations of Paralympic athletes on social media. **New media & society**, n. 0, v. 0, 2023, p. 1–18.

PULLEN, Emma; SILK, Michael. Gender, technology and the ablenational Paralympic body politic. **Cultural Studies**, v. 34, n.3, 2020, p. 466-488.

SANDERSON, Jimmy. Framing Tiger's Troubles: Comparing Traditional and Social Media. **International Journal of Sport Communication**, v. 3, n. 4, p. 438–453, 2010.

TOFFOLETTI, K Sport, postfeminism and women with disabilities: female paralympians on social media. In: Toffoletti K, Francombe-Webb J and Thorpe H (eds) **New Sporting Femininities**. Cham: Palgrave Macmillan, 2018, p. 253–275.